

ALFREDO CORTÊS

E A AUTENTICIDADE

EM TEATRO

E' de esperar, para honra da crítica do tempo, que o teatro de Alfredo Cortês tenha sido saudado há vinte e tal anos como aquilo que realmente constituía: uma vitória do Teatro sobre a literatura ou, para me explicar melhor — pois que esta expressão *literatura* pode ser elástica — uma vitória da vida sobre as palavras. Talvez seja perigoso, no âmbito forçosamente limitado de uma breve crónica, erguer problema que poderia estender-se ao longo de intermináveis páginas. Mas vamos a ver se é possível condensar meia dúzia de ideias sugeridas pela notícia de uma homenagem ao dramaturgo que trouxe para o teatro português

(Continua na 3.ª pág.)

EM TEATRO

E' de esperar, para honra da crítica do tempo, que o teatro de Alfredo Cortês tenha sido saudado há vinte e tal anos como aquilo que realmente constituía: uma vitória do Teatro sôbre a literatura ou, para me explicar melhor — pois que esta expressão *literatura* pode ser elástica — uma vitória da vida sôbre as palavras. Talvez

seja perigoso, no ambito forçosamente limitad. de uma breve crônica, erguer problema que poderia estender-se ao longo de intermináveis páginas. Mas vamos a ver se é possível condensar meia duzia de ideias sugeridas pela notícia de uma homenagem ao dramaturgo que trouxe para o teatro português

(Continua na 3.ª pág.)

Dr. Paizular

— 7 - 7 - 45

ALFREDO CORTÊS

(Continuação de 1.ª pag.)

do tempo um sentido de realidade que ia quasi perdido na super-alimentação palavrosa herdada dos Românticos e mantida afinal, depois d'elles, por muitos anos e bons, como todos nós sabemos.

E' claro que poderia facilmente situar-se o perfil dramático de Alfredo Cortês em ordem a uma trajectória espiritual e á margem dessa trajectória, que o próprio dramaturgo reivindicava, esboçar qualquer tentativa de critica psicologica. Seria tão fácil, que nem valeria a pena, e correria o risco, á força dessa facilidade transbordante, de ser completamente errado... Um dia ver-se-á com a necessária clareza aquilo que vai sendo, já evidente: a linha interior do artista em nada se modificou; em nada se modificou também a técnica do criador de situações dramáticas. Entre Zilda e a Maria Antónia de «Domus» não há sensível distancia intrínseca por mais diferentes que sejam os caracteres e as situações. A paternidade humana do uma e de outra é a mesma. E citam-se estes exemplos de cor, ao sabor de memória de leitura, pois não vi nunca representar nenhuma destas duas peças de Cortês. Creio que o escritor manteve sempre a sua coerência artística através da honesta evolução do seu espirito. Aí reside esse dom da autenticidade em que me falava há pouco um dos raros espiritos criticos deste país, e que é, sem duvida possivel, a condição primeira do valor de uma obra de arte. Pense-se, sobretudo, na época em que o teatro de Alfredo Cortês surgiu. Recorde-se, sem dificuldade, o gosto farfalhado das ideias feitas e das palavras arranjadas em que se estiofava uma literatura que traia a sua missão. E atente-se no que era o teatro português do tempo, salvo — que nos

recorde — a experiência dos «Lobos», de «A «Ponte» — de que ninguém fala hoje — e um pouco mais tarde, salvo erro, «Entre giestas», para só citar aquelas peças, teatralmente vivas, em que a verdade regional não sacrificava cer-

na diversidade do seu poder criador Alfredo Cortês mantém-se sempre aquele homem de forte, insofismável, vocação dramática que não precisou de recorrer a quaisquer estratagemas para realizar uma obra que se impôs de dentro para fora, uma obra que trazia consigo. Só assim é possível Arte... E' por isso que o teatro de Alfredo Cortês é um alto exemplo de «autenticidade» num meio literário inautentico e em que normalmente se brinca ás vocações. A dualidade do espirito dessa obra poderia definir-se, talvez, pensando no choque entre o homem da terra e o homem da cidade, ambos coexistentes no dramaturgo, o primeiro, *sentindo* e o segundo *vendo*. Mas também isto me levaria longe.

Não há que fazer distincão entre o teatro regional — vá lá uma palavra feita! — de Alfredo Cortês e o seu Teatro, porque ambos pertencem a uma só posição do escritor perante o espectáculo de vida. Um e outro, repito, são acima de tudo afirmações literárias autênticas, fruto de amor, até quando o amor anda austero, contigência de profunda, real, sinceridade criadora de um artista, sangue tirado á vida e que se transmite ainda palpitante dela a um publico que continua em geral a ser viciado e enraquecido por uma literatura de crômo, sem raizes, que não corresponde a nada e que porisso mesmo morrerá com os que a cometem.

Até por isso, pelo que constitue de vocação afirmada e de autenticidade artística, o teatro de Alfredo Cortês merecia ser apontado a dedo aos que já não se lembravam ou aos que ainda não o conheciam. Nem tudo afinal — ver-se-á com a Zilda — está reduzido ao que em geral se apresenta nos nossos palcos.

LUIS FORJAZ TRIGUEIROS

AINDA O N.º 19

fatal para a Alemanha

Um nosso leitor, residente em Paris, Beira-Briza, a propósito da entrevista

Tudo o mais era e ainda exercecia da velha escola romantica e a verdade é que o uso das idéias andava quasi sempre afastado de qualquer tentativa, por mais séria, de realismo dramático. «O Lodo», marca o primeiro passo no sentido de aproximar sem parecer, a realidade da poesia da realidade das idéias. E' que o teatro verdadeiro — defende Gordon Craig — é formado por todos os elementos vivos: gestos, palavras, linhas e cores, isto é, ritmo. Cortês não o ignora. Daí a fusão do real e da poesia na sua obra. Entendamo-nos: há espirito abstracto e espiritos concretos; mas há também espiritos concretos que estão mais perto da natureza e com ela relacionam o sentido da vida. Esses são mais aptos do que os outros a receber a verdade intrínseca das coisas e a transmutá-la em arte. E' aí que reside o milagre da criação. Alfredo Cortês pertence a esse numero; português de cêpa, cuja força telúrica não tem medo da verdade. Escritor, gosta de chamar as coisas pelo seu nome. Dramaturgo, corre-se a vista pela sua obra, toda ella publicada: o diálogo é espontâneo, fluente. Nenhuma entorse formal, nenhum arrebicamento de literatura. A pobre natureza humana sai devassada das suas mãos fortes. Paga numa alma turvada de inquietação de qualquer espécie e não joga com essa inquietação. Também não se precipita a atenuá-la, nem mesmo a explicá-la — que não é essa a sua função. Reproduzindo-a descarnada, sem qualquer reboço, já aponta o mal. E não sendo, por destino ou consequência do meio, um autor intellectual consegue só pelo dom da sua vocação própria escrever obras de critica social mordente como *Gladiadores* — que teve a honra de ser pateada pelo publico da estreia — ou de densa poesia humana como *Tá-mor*. Mas

que no tempo transcorrido da antiga revista «A. B. C.», escreve-nos a dizer que há mais coisas em que o n.º 13 apparece como já foi para a Alemanha e aponta estes dois:

A Alemanha nesta guerra teve pela frente dois europeus: Churchill e Montgomery. Somando as letras dos dois nomes lá apparece o fatídico 19.

E como isso não bastasse vieram também dois americanos: Roosevelt e Eisenhower. Das de tudo o 10, somando as letras dos dois nomes.

REORGANIZAÇÃO

do ensino farmacêutico

Para estudar a reorganização do ensino farmacêutico em Portugal, foi nomeada a seguinte comissão:

Dr. João Alexandre Ferreira de Almeida, director geral do ensino superior e das bellas artes; dr. Aníbal do Amaral e Albuquerque, director da Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto; dr. José Cipriano Rodrigues Diniz, director da Escola de Farmácia da Universidade de Coimbra; dr. Raul Lupi Nogueira, director da Escola de Farmácia da Universidade de Lisboa.

Esta comissão poderá agregar a si os professores que entender necessários.

CARTAZ LITERÁRIO

da Sociedade de Propaganda do Livro

ATICA — Os 19 Anzinhos da Tia Verde-Agua — Antonio Sérgio.

Ilustrações de Mily Possor.

CASA DO LIVRO — Luz que se apaga — João Amador J.º.

DOIS MUNDOS — «Eça de Queiroz, o homem e o artista» — João Gaspar Simões.

GLEBA — Vida Voluptuosa — Antonio de Cæstima.

INQUÉRITO — Varandota — João da Silva Correia.

LUSO-ESPAÑHOLA — Máquinas de Combustão Interna — J. Rodriguez dos Santos.

MARITIMO COLONIAL — Senhoras Conhecidas — Luis de Oliveira Guimarães e José Ribeiro dos Santos.

MINERVA — Fonte dos Amores — Gabriela Revat.

PARCERIA A. M. PEREIRA — «Um anjo quasi demónio» — Manuela de Azevedo.

PORTUGALIA — Os melhores contos portugueses — Antologia.

ROMERO — As Comédias — António Botto.

SEculo — Condições de Paz — E. H. Carr.

Compre os seus livros à SOPROLI. Habilita-se a receber 1.000\$00!

L. do Carmo, 18-2.º — Tel. 25534

LIVRARIA FRANCESA

19, Rua da Misericórdia, 21

PARTE

LARDO

IA

UMA A IGUALA